

Da vida enquanto ficção ou algumas notas sobre Antero de Quental

Mônica Figueiredo (UFRJ)

RESUMO

Recuperação do percurso ensaístico de Antero de Quental. Análise das principais idéias do pensamento anterior e sua relação com o percurso biográfico do Poeta. A (re)criação ficcional de “Um Génio que era um Santo”, segundo Eça de Queirós. A biografia como forma de escritura ficcional.

Palavras-chave: Antero de Quental, Eça de Queirós, Biografia, Literatura Oitocentista.

Para D. Cléo,
que sempre tem as respostas para todas as minhas perguntas.

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas e caminhar decidido pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar
(*Se eu quiser falar com Deus.* Gilberto Gil)

Não venho aqui para falar das representações da subjetividade na contemporaneidade, quero antes recuperar a obra de um homem do século XIX. Ando mesmo soterrada pelos oitocentos e, hoje, mesmo sem querer, quanto mais penso no século XXI, mais, inexoravelmente, retorno a dois séculos atrás. Atrevo-me a dizer que muito pouco inventamos no intervalo destes quase 200 anos e, de certa forma, muitas vezes conseguimos até piorar aquilo que, por exemplo, e o neo-colonialismo mostrou como exemplo de descaso cruel pelo humano, ratificado atualmente pelas formas terríveis de outros genocídios.

Richard Sennett, num incontornável livro – *O Declínio do Homem Público. As Tirantias da Intimidade* –, foi categórico ao afirmar que o século XIX não acabou e, quanto mais ouço falar de nossa contemporaneidade, mais tenho a certeza de que tudo aquilo com que tentamos acertar contas no hoje foi pelo menos pensado, ensaiado durante o período vitoriano. Talvez, tudo se resuma mesmo à paixão, por isso acho que aqui falo também de minha subjetividade e, quem sabe, ela seja mais burguesa do que a pós-

modernidade que me rodeia possa suportar. Mas há muito parei de lutar contra a triste evidência que comprova que Álvaro de Campos jamais teria escrito o “Poema em Linha Reta” se não tivesse havido o século XIX. O que Campos anuncia em seu doloroso poema é a dificuldade de se viver num mundo burguês por excelência, a relutante condição de ser pequeno, a temeridade de ser falhado, a vergonha de ser medroso, ou simplesmente vil, ainda que irremediavelmente humano.

Mas aquilo que hoje se rejeita, o que de certa forma nos irrita quando pensamos em nossos antepassados, é a sua atemorizante proximidade, o nem sempre confortável (re)conhecimento que inspiram as criaturas de papel criadas pela literatura do século XIX. Quantos Acácio há por aí? Quantas vezes sonhamos com um amor fatal como o de Teresa-Simão-Mariana? Quantas vezes gostaríamos que em nosso governo houvesse ao menos um Afonso Domingues?

A subjetividade foi uma invenção do século XIX, que, ao acreditar ilusoriamente na improvável unidade do sujeito, acabou por abrir caminho para toda a multiplicidade e fragmentação vindouras. Foi a ditadura de um “eu unívoco” que garantiu o espaço para as subterrâneas formas de poder, oriundas da luta travada pelos vários eus. Hoje, cada um de nós é muitos e dividir um só corpo, ou melhor, a mesma casa com tanta gente não é tarefa fácil. A convivência será sempre uma dolorosa experiência que anuncia o desabrigo.

Por isto, quero falar de Antero de Quental, um homem que no século XIX, como poucos, esforçou-se para caber em si. Mas quero falar também de textos que falam de Antero e para tanto escolhi o de Eça de Queirós, aquele que ele escreveu em homenagem ao amigo poeta depois de sua morte brutal. Sobre “Um Génio que era um Santo”¹ muito já se disse e o que aqui pretendo destacar pouco contradiz o que outros pesquisadores já apontaram. No entanto, interessa-me insistir nas motivações que levaram Eça de Queirós a inscrever *aquela seu* Antero. Para longe do inegável discurso amoroso impresso nas linhas de Eça, não se pode duvidar que o autor de *Os Maias* de certa forma também “satiriza a saudade contemplativa e interiorista de Antero”(LOPES, 1993, p.350). Utilizando-se de uma “ironia ambígua”, Eça esforça-se para compreender o que fez do “mito feito à medida da Geração de 70” um “espírito desistente” (LIMA, 1993, p. 101). Contudo, não se duvida de que Eça de Queirós foi aquele que começou “o processo de ritualização simbólica e de mitificação de Antero morto”; bem como se utilizou do percurso do Poeta das *Odes Modernas* para configurar uma galeria de personagens cuja inação, o arrebatamento por causas duvidosas e a contradição permanente parecem definir suas existências; ou, se se quiser, é fácil perceber que a figura “lendária e fantástica de Coimbra ainda ecoa na juventude de Carlos, de Artur, de Gonçalo Ramires, de Fradique, personagens quase simbólicas da crise de conhecimento do homem dos oitocentos” (PIRES, 1991, p.11). Assim, o Antero recriado por Eça é, como muitas das criaturas queirosianas, um “dotado para triunfar na vida”, mas acaba como todos a “soçobrar numa incapacidade de se afirma[r]” (SOUZA, 1993, p. 90)².

Outra linha de aproximação que foi já bastante explorada é aquela que ata o “Antero” de Eça à galeria de santos criada pelo romancista, personagens que compõem o que ficou conhecido como hagiografia queirosiana, muitas vezes entendida como um apelo à fé, vista como saída para os impasses ideológicos de um escritor *vencido*, aburguesado, e já perto do final da vida. Sem querer entrar nesta polêmica, confesso que me custa ver neste Eça e em seus santos sinais de vencidismo, por isso, prefiro concordar com António Braz de Oliveira e asseverar que em toda a sua obra sempre houve uma “espiritualidade neo-cristã” que apostava na imanência e não na transcendência; bem como concordo com o crítico quando este defende que a conhecida “Vida dos Santos” obedecia a um “imperativo estético e não ético”³ que, sintonizado com o recrudescimento da discussão da religiosidade experimentada nas

últimas décadas dos oitocentos⁴, produziu, em verdade, uma “hagiofantasia” (1997, p. 92). Seguindo a brecha aberta por António Braz de Oliveira, Helena Buescu acrescenta que os santos de Eça encarnam “um paradigma que de algum modo percorre com insistência o imaginário queirosiano, e torna a tentação, a contradição e quase *a fortiori* o pecado (...) como uma condição da vida humana” (2002, p.154). Se a heroicidade já era valor duvidoso nos tempos de Eça, se a humanidade era um conceito que já ali corria o risco de se tornar um significante sem qualquer significado, a santidade que se poderia desejar era aquela que apostava numa ação participativa, ainda que balizada na imperfeição humana. A meu ver, o Eça maduro é aquele que aprende que a realidade pode não corresponder aos sonhos, mas não duvida que só os homens com sonhos é que são capazes de mudar a realidade, viragem que Antero de Quental nunca conseguiu operar, desiludindo-se de mundo que, a passos largos, se afastava das ilusões que lhe serviram de alicerce na construção de um mundo só possível no futuro⁵.

Para Carlos Reis, “Um Génio que era um Santo” “é um texto claramente híbrido, do ponto de vista genológico” (1999, p. 48), por misturar de maneira competente a biografia, o memorial, a autobiografia, o ensaio e a hagiografia, é, portanto, um texto que tangencia as fronteiras da ficção. Mas, para além de Eça de Queirós, a sedução ficcional produzida pela vida de Antero de Quental parece ter enfeitado grande parte da crítica que, mesmo ao analisar a sua obra poética, infalivelmente acabou por (re)criar um poeta-filósofo, ao mesmo tempo que atou o eu-lírico de seus poemas à trajetória política e existencial de um homem que, como artista, jamais reclamaria a autoria de versos como: “O Poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.”

Vitorino Nemésio reivindica um Antero efetivamente *Insulano*, que fosse um “romancista”, um “criador de pequenos fantasmas verossímeis e familiares, habitando os Açores”, “um poeta frustrado [que] gritaria o nosso isolamento!” (MARTINS, 1991, p.58). Para António José Saraiva, Antero de Quental “regressou, por fim, a Ponta Delgada sem ter chegado a filiar-se no ‘grande exército do proletariado’, como um Quixote que dera um tombo” (MARTINS, 1991, p.62). António Sérgio constrói dois Anteros: um luminoso e um noturno. No primeiro haveria “a aspiração racionalista do *pensador*” e, no segundo, “o fruto tóxico do temperamento mórbido do *homem*”. Fernando Catroga ressalta o desejo de santidade aspirado por Antero de Quental que acreditava que só “para o santo, o mundo deixou de ser um cárcere” (MARTINS, 1991, p.90). Óscar Lopes aposta numa personagem contraditória ao dizer que “o meu Antero de hoje não é sagrado como o das récitas escolares dos meus treze anos. É a personificação de uma antinomia radical” (MARTINS, 1991, p.96). Eduardo Lourenço descola do Poeta a imagem de mártir do Socialismo, ao mesmo tempo em que adverte que a idéia do Socialismo foi vivida por ele como “o autêntico martírio” (MARTINS, 1991, p. 118). Ao lembrar de seu suicídio, Jorge de Sena defende que este “não foi o acto obsessivo de um homem desesperado, mas a decisão consciente de um grande espírito que escolheu retirar-se de um mundo que não tinha sido consultado para visitar” (MARTINS, 1991, p.128). Joel Serrão não duvida de que o criador das *Odes Modernas* era efetivamente um “poeta pouco satisfeito com a qualidade daquilo que, em geral, ia lançando a público” (MARTINS, 1991, p.71). Num registro claramente ficcional, Ana Maria Almeida Martins dá conta de uma das muitas desistências de Antero: “e durante a primavera e o verão desse ano [1888] preparou-se afincadamente para esse provável lugar de professor ... que nunca veio a ser” (1991, p. 15)⁶. Para Feliciano Ramos, o Poeta das *Odes Modernas* é um “pastor de povos anunciando, profeticamente, a estrutura da sociedade futura” (1942, p. 59). Cleonice Berardinelli aponta para a “expressão dramática” que invade a poesia de Antero, onde “figuras nitidamente caracterizadas”, “dotadas de gestos e fala expressivos” interagem “quase

sempre contracenando com o Poeta, *doublé* de narrador e personagem” (1991, p. 16). Teresa Cristina Cerdeira da Silva o define como um construtor do futuro, cuja a “missão, impossível e dolorosa, [era] de fazer habitável o presente, esse presente ofendido em nome de um futuro eternamente por vir” (1991, p. 37). O Antero de Jorge Fernandes da Silveira é um “autor que escreve a questão da modernidade”(1991, p.20), “é o autor de um livro impossível, ou melhor, é o autor da idéia da angústia da impossibilidade do livro”, vivendo até o fim, “a utopia – o ‘Tormento do Ideal’ – de escrevê-lo” (1991, p.21). Manuel Bandeira acredita que Antero teria se decidido “pela abstinência sexual, provavelmente mais um elemento de insatisfação nervosa para quem já os tinha de sobra na dispepsia, na falta de ambiente familiar, na ausência de uma função definida na sociedade” (1942, p. 11). Oliveira Martins assume a dificuldade em compor o seu Antero ao afirmar: “eu não conheço fisionomia mais difícil de desenhar, porque nunca vi natureza mais complexamente bem dotada” (s/d, p.8) , o que faz com que, ao mesmo tempo, o Poeta seja para o seu grande amigo um “ser quimérico” (s/d, p.9); uma “criança” (s/d, p.13); alguém “meigo e frenético como uma mulher” (s/d, p.19); um “monge cristão” (s/d, p.24); enfim, “no século XIX é um excêntrico, mas desse feitio de excentricidade que é indispensável, porque a todos os tempos foram indispensáveis os hereges, a que hoje chamam dissidentes” (s/d, p.27).

Se aos olhos oitocentistas de Oliveira Martins, Antero parecia-lhe um excêntrico, no século XXI, ele é talvez o mais bem acabado exemplo de “personagem” de seu tempo ⁷. O distanciamento histórico já me permite afirmar que, como poucos, Antero encarnou as angústias de um fim-de-século e a sua prosa política é mais um testemunho de seu fascínio pelo próprio eu⁸, o que em muito ratifica os valores burgueses oitocentistas presentes na trajetória do autor dos *Sonetos*. Se Peter Gay explica que “as inovações imprevistas e extraordinárias que marcaram a vida burguesa do século XIX, incluindo as crescentes possibilidades de privacidade, estavam intimamente ligadas a uma fascinação geral com o próprio eu” (2002, p. 292), Antero de Quental parecia já concordar com isto quando afirmava que “o nosso gênio é criador e individualista: precisa rever-se nas suas criações” (SERRÃO, 1982, p. 259). O apogeu do eu acaba por transformar o século XIX num “paraíso para os individualistas imaginosos” (GAY, 2002, p. 191), o que de certa forma pode explicar alguns exageros cometidos por Antero, ao defender, por exemplo, a união ibérica através da discutível renúncia ao conceito coletivo de nação em prol da melhoria individual dos portugueses:

Se não é possível sermos justos, fortes, nobres, inteligentes, senão deixando cair nos abismos da história essa coisa a que já se chamou *nação portuguesa*, caia a nação, mas sejamos aquilo para que nos criou a natureza, sejamos inteligentes, nobres, fortes, justos, sejamos homens, muito embora deixemos de ser portugueses. (...) Eu, por mim, pondo de parte toda a poesia e toda a sentimentalidade, contentar-me-ia de afirmar aos patriotas portugueses esta verdade de simples bom senso: que, nas nossas actuais circunstâncias, o único acto possível e lógico de verdadeiro patriotismo consiste em *renegar a nacionalidade*” ¹⁰ (SERRÃO, 1982, p. 241)

A era vitoriana assistiu à valorização da escrita confessional “que demonstrava uma vontade inédita de grande número de burgueses de conferir tênue permanência a suas experiências e sentimentos”(GAY, 2002, p. 280). Mesmo não adotando a moda oitocentista da feitura do diário – ao que se sabe, se existiu, nenhum diário sobreviveu à sua “ordeira destruição” -, Antero deixou impresso o tom confessional não só em sua poesia e em sua correspondência, mas também o fez transparecer em seus ensaios, já que muitas vezes o uso do *nós* acaba por se firmar como disfarce precário de um *eu* que, invariavelmente, assume o primeiro plano: “Há em todos nós, por mais modernos que queiramos ser, há lá oculto, dissimulado, mas não inteiramente morto, um beato, um fanático ou um jesuíta! Esse moribundo que se ergue dentro de nós é o inimigo, é o

passado.”¹¹ (SERRÃO, 1982, p. 282).

A pressão sofrida pela tal perspectiva da modernidade, oriunda das transformações, científicas, políticas, filosóficas e tecnológicas, acarretou o questionamento das Igrejas tradicionais e “o século XIX foi se tornando um campo de cultura de novos caminhos para a salvação” (GAY, 2002, p. 193). Antero defendia que “é o século XIX, descendente renegado das idades cristãs, que vinga o tempo das injúrias da igreja imutável!” (SERRÃO, 1982, p. 173), acreditando estar nas mãos dos homens de seu tempo (e, portanto, também nas suas), a missão da criação de um novo apostolado. Mas, ao mesmo tempo em que admitia que “a ilusão [se] tornou impossível agora” (SERRÃO, 1982, p. 189), também cria na necessidade de uma “voz de homem tão audaz” que se pudesse erguer “nesse tribunal misterioso e terrível aonde se assentam e votam as potências encobertas da história”¹² (SERRÃO, 1982, p. 192).

Acreditando ser “a voz” necessária ao seu tempo, Antero parece insurgir-se contra as formas criadas pela sociedade vitoriana para “disciplinar os pobres das cidades para que eles se habituassem aos regimes normais de trabalho nas fábricas e minas”, e aceitassem as “condições insalubres e constante insegurança de seus empregos” (GAY, 2002, p. 204) de maneira dócil e *civilizada*. Utopicamente¹³, o Poeta aposta na “ilustração” como saída para situação de opressão vivida pelo proletariado, já que “o pobre e o deserdado” “só nela pode contar, como amiga única e dedicada”¹⁴ (SERRÃO, 1982, p. 150). Muito longe da excentricidade pressentida por Oliveira Martins, Antero de Quental cria o seu evangelho para trabalho, seguindo as orientações, “dos ideólogos burgueses do século XIX”, para quem o trabalho “era uma profilaxia contra o pecado”, pois “o suor do rosto era talvez tão eficaz quanto as orações” (GAY, 2002, p.211). Utilizando o discurso para atacar os valores burgueses (dos quais nunca verdadeiramente conseguiu abrir mão), Antero ergue um altar para o socialismo, deidade que ele acreditava ser capaz de operar a salvação de uma sociedade, a seus olhos, perdida¹⁵.

Rejeitando o passado português – “do espírito guerreiro da nação conquistadora, herdamos um invencível horror ao trabalho e um íntimo desprezo pela indústria” -, Antero anuncia a chegada de um novo tempo em que será preciso renegar os antigos deuses em prol de uma necessária conversão: “É necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado. Respeitemos a memória dos nossos avós: memoremos piedosamente os actos deles: mas não os imitemos”¹⁶ (SERRÃO, 1982, p. 294).

Dando prosseguimento ao seu apostolado, o Poeta das *Odes Modernas* parece também se preocupar com as mulheres, seres que, como os operários, apesar de genuinamente bons, careciam de sua *proteção* ideológica, pois, “a mulher é um ente fraco, desvalido, apaixonado e nobre, mais que tudo; todavia sem ela, como disse um poeta, o mundo seria uma ermo melancólico, os deleites apenas prelúdio do tédio”¹⁷ (SERRÃO, 1982, p. 111), esquecendo-se, como aliás era comum, da difícil realidade (tanto pior, no caso das mulheres pobres) que cercava a pretensa fragilidade feminina:

Gerenciar o lar de classe média significava comprar as provisões, supervisionar os empregados, conservar-se prudentemente dentro do orçamento doméstico, assumir o papel principal na criação dos filhos, com os quais normalmente passavam mais tempo do que seus maridos, presidir com graça o que os contemporâneos costumavam chamar de “suplício doméstico”, sempre dando a melhor impressão possível como anfitriãs. Havia maridos vitorianos que reconheciam, com certa sensibilidade, que as tarefas do lar eram exigentes; olhando-os da perspectiva de nossa era de gerência doméstica eletrificada e mecanizada - mas sem empregados -, os historiadores consideram os encargos do lar mais intimidadores do que se costumava reconhecer na época. (GAY, 2002, p. 219)

Como “personagem verossímil” de seu tempo, Antero era portador de uma

neurastenia que durante anos o imobilizou e, em estado avançado, acabou por levá-lo ao suicídio. A verdade é que se a ansiedade não é prerrogativa dos oitocentos, é fato que “os vitorianos achavam adequado diagnosticá-la como uma doença moderna e lhe deram um nome técnico”(GAY, 2002, p. 148). Em tempos freudianos, muitos dos sintomas de Antero estavam irremediavelmente atados à sensação de frustração que tanto podia ser de ordem sexual, ideológica, ou existencial. De qualquer modo, como qualquer burguês de seu tempo, o Poeta sofria da “poderosa presença da ansiedade”, ocasionada pela temível possibilidade da “mudança”, pavor que ele revestiu de discursos inflamados que propunham a criação de um mundo novo, sem que quase nada de concretamente novo tenha sido criado *no fora* de seu discurso. Talvez por isso, Antero tenha tantas saudades da Renascença Portuguesa, tempo de mudanças efetivas com as quais não teve de conviver, e que de perto não afetaram o que tinha de mais caro: “é que nada há no homem mais delicado, mais melindroso do que as ilusões: e são as nossas ilusões o que a razão critica, discutindo o passado, ofende sobretudo em nós”¹⁸ (SERRÃO, 1982, p. 256). O fato é que “a burguesia (...) era mais capaz de sucumbir à histeria, à lassidão doentia e à imaginação acabrunhante – em suma, à neurose. Os homens e mulheres abastados que dispunham de tempo eram as vítimas mais evidentes das doenças nervosas” (GAY, 2002, p. 159). Padecendo de excesso de tempo, Antero não foi uma feliz exceção.

Para George Steiner, “compreender é traduzir”(1998, p. 208). Eça de Queirós, criador de personagens que sempre quiseram “experimentar o que falta quando algo está sobrando” (SANTIAGO, 2004, p. 200), construiu o “seu Antero” não com a intenção de *santificá-lo*, mas antes intuiu que só a arte pode oferecer o abrigo capaz de vencer a morte a que estamos condenados. Compreendendo, talvez como poucos, o quanto a realidade era insuportável para o Poeta das *Odes Modernas*, Eça resolveu *traduzi-lo*, dando-lhe uma existência eterna no único espaço que verdadeiramente poderia habitar: o da ficção. Se “a verdade da palavra é a ausência do mundo”(STEINER, 1998, p. 92), o Antero de Eça é mesmo a palavra que preencheu o vazio desesperado de uma existência histórica. Se há crítica no texto de Eça, esta incide fatalmente sobre a incapacidade de Antero em lidar com a vida. É, pois, a inação que Eça não lhe perdoa.

O “bardo dos tempos novos, despertando almas, anunciando verdades” (NC. p. 251), era o “melhor verbo” (NC. p. 259), era o artista que deixou como “grande obra” apenas “a sua conversação” (NC, p. 284). Poeta de versos onde há “uma alma que se interroga” (NC, p. 264) - quando em verdade dele se esperava “uma epopéia, o apostolado de uma religião” -, é afinal como um “budista, aspirando pálidamente ao Não-Ser” (NC, p. 266). Antero é, pois, aquele que busca “emprego para a sua grande alma” (NC. p.267), porque nunca verdadeiramente conseguiu “se desembaraça[r] de certas hereditariedades de raça e de casta”, conservando algo “estritamente fidalgo” (NC. p.270) que o fazia habitar uma “alva torre de marfim”, enquanto “o seu país, é certo, apodreci[a]” (NC. p. 282). Antero “não sentia prazer nem utilidade em publicar o seu pensamento” (NC. p.277), preferindo preencher com o pensar “o abstracto emprego dos seu nobres dias” (NC, p. 275), agindo na vida como “um pastor que, infelizmente, não tolerava a grosseria e a materialidade do rebanho” (NC, p. 277).

“Bardo”, “leão cheio de desordem”, “louco”, “Príncipe da Mocidade”, “lenda”, “grão-capitão”, “sagitário libertador”, “herói”, “criança”, “freira velha”, “pastor”, “poeta”, “filósofo”, “Alcides”, “Roldão”, “David”, “D. Quixote”, “Rei Artur”, “Lázaro”, “gênio” ou “santo”, o Antero de Eça é mesmo um grande personagem que desejou um deus com quem pudesse falar. Se não o encontrou em vida, na morte pode contar com a palavra-abrigo de um outro criador. Antes mesmo da crítica o recriar pelo discurso, Eça de Queirós já o tinha restituído à vida através das linhas de sua ficção. Se seus demais personagens, nascidos da imaginação com que relia o seu tempo histórico, jamais

pueram existir para além dos limites da página de um livro; o “seu Antero”- “gênio” ou “santo” -, foi pilhado da concretude histórica para finalmente ganhar verossimilhança e eternidade em ficção. Por mim, gosto de acreditar que Eça de Queirós, talvez, só desejasse que o verdadeiro Antero de Quental quisesse ter sido mais do que o personagem de uma amorosa, mas melancólica narrativa.

(Entregue para publicação em Março/2007,
Aprovado em Abril/2007)

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuel (org.). *Antero de Quental. Sonetos Completos e Poemas Escolhidos*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.
- BERARDINELLI, Cleonice. “Um convívio ambíguo com a morte”. *Boletim do SEPESP – Homenagem a Antero de Quental*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1991, pp. 9-18.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BUESCU, Helena Carvalhão. “Santos, Lendas, Gênios e Humanos”. *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos. IV Encontro Internacional de Queirosianos*. Coimbra, Almedina, vol. 1, 2002, pp. 147- 159.
- CORTESÃO, Jaime. *Eça de Queiroz e a Questão Política*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2001.
- GAY, Peter. *O Século de Schnitzler. A Formação da Cultura da Classe Média. 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LIMA, Isabel Pires de. “Antero visto por Eça”. MATTOS, A. Campos (org.). *Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, 1993, pp. 99-104.
- LOPES, Óscar. “Alguns conflitos internos anterianos”. *Separata da Universidade dos Açores*. Ponta Delgada: 1993, pp. 341-351.
- MARTINS, Ana Maria Almeida. “Antero – o professor do liceu que não chegou a ser”. *Letras & Letras – Antero de Quental no Centenário da sua Morte*. Lisboa: Ano V, n.º 59, 20 de Novembro de 1991, p. 15.
- MARTINS, Ana Maria Almeida. *Antero de Quental (1842-1891)*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1991.
- MARTINS, J. P. Oliveira (org.). *Sonetos Completos de Antero de Quental*. Lisboa: Couto Martins, s/d.
- OLIVEIRA, António Braz de. “São Cristóvão: sonho e sentido da Geração de 70”. *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997, pp. 65-71.
- PIRES, António Manuel B. Machado. “Antero – a olímpica exemplaridade de uma geração”. *Letras & Letras – Antero de Quental no centenário da sua morte*. Lisboa: Ano V, n.º 59, 20 de Novembro de 1991, pp. 11-12.
- QUEIRÓS, Eça de. “Um Gênio que era um Santo”. In: *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d, pp. 251-288.
- QUENTAL, Antero de. *Cartas de Antero de Quental*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.
- RAMOS, Feliciano. *A Expressão da Liberdade em Antero e Os Vencidos da Vida*. Lisboa:

- Editorial Império, 1942.
- REIS, Carlos. *Estudos Queirosianos. Ensaio sobre Eça de Queirós e a sua Obra*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- SANTIAGO, Silviano. “O Brutalista e o Intimista”. RIBEIRO, Margarida e CERDEIRA, Teresa Cristina, *et alli. A Primavera toda para ti. Homenagem a Helder Macedo*. Lisboa: Editorial Presença, 2004. pp. 197-200.
- SENETT, Richard. *O Declínio do Homem Público. As Tiránias da Intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SERRÃO, Joel. *Prosas Sócio-Políticas. Antero de Quental*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1982.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. “Antero: a utopia do futuro como redenção”. *Boletim do SEPESP – Homenagem a Antero de Quental*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1991, pp. 30-38.
- SILVEIRA, Jorge Fernandes da. “Antero no Século XIX”. *Boletim do SEPESP – Homenagem a Antero de Quental*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1991, pp. 19-29.
- SOUSA, Frank F. “Antero de Quental na obra de Eça de Queirós”. MATIOS, A. Campos (org.). *Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, 1993, pp. 89-99.
- STEINER, George. *Presenças Reais*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

NOTAS

1 O texto de homenagem foi publicado pela primeira vez em 1896, e posteriormente incluído nas *Notas Contemporâneas*, edição organizada por Luís de Magalhães, que veio a público em 1909. Para as citações do texto, utilizarei a abreviação NC, seguida do número da página.

2 Frank Souza, em seu artigo, desenvolve a aproximação entre o *Antero queirosiano* e as demais personagens de Eça de Queirós, seguindo assim o caminho aberto por António Sardinha e António Machado Pires, o que o faz incluir na galeria das personagens de *linhagem anterioriana*, o Jacinto de *A Cidade e as Serras*.

3 Sobre o assunto acrescenta Jaime Cortesão: “Finalmente, é nos anos imediatamente seguintes ao *Ultimatum* que na Europa, especialmente na França e na Inglaterra, toma vulto a renovação idealista da filosofia e certo alargamento do conceito de religião, que se estende à política. Por aqueles anos, em Paris tornaram-se tão acesos os debates entre positivistas e idealistas que as cóleras dos contendores alastraram em debates de imprensa, de onde baixaram a chocar-se com estrépido nas ruas. Os estudos de Sebastier sobre S. Francisco de Assis, iniciados em 1894 com a vida do Santo, logo condenada pela Igreja, acentuaram vivamente a moda do franciscanismo e da literatura franciscana. Por essa mesma data o socialismo cristão, iniciado em Inglaterra alguns anos antes por Frederick Denison Maurice, alastrava e popularizava-se na França sob a autoridade de Leão XIII e a direcção política do Conde de Mun.” (20001, pp. 19-20). Ainda sobre o assunto, sugerimos a leitura de mais alguns ensaios presentes nas *Notas Contemporâneas*: “Um Santo Moderno”; “Positivismo e Idealismo”; “O Bock Ideal”.

4 Para o aprofundamento desta questão, sugiro a leitura de Peter Gay e de seu imprescindível *O Século de Schnitzler. A Formação da Cultura da Classe Média. 1815-1914*.

5 Teresa Cristina Cerdeira da Silva defende que para o Antero maduro, “a utopia do futuro como redenção não lhe bastava e a crise da modernidade já se fazia entrever em alguns dos seus poemas, onde a salvação compreendida pela concepção linear da história parecia-lhe tragicamente pobre e fadada ao desconcerto” (1991, p. 37).

6 In: “Antero – o Professor do Liceu que não chegou a ser”. *Letras & Letras – Antero de Quental no Centenário da sua Morte*.

7 Jorge Fernandes da Silveira argutamente insiste que Antero “no século XX, a [seu] ver, tem tudo para virar matéria de romance de autor muito em voga ” (1991, p.21). Consultado o crítico, Antero seria, pois, uma possível personagem saramaguiana.

8 A leitura de sua famosa carta a Wilhelm Storck, de 1887, talvez seja de especial importância para que se verifique o quanto o Poeta oscila entre um narcisismo declarado e o discurso de falsa modéstia.

9 In: “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos”.

10 In: “Portugal perante a Revolução de Espanha. Considerações sobre o Futuro da Política Portuguesa no ponto de vista da Democracia Ibérica”.

11 In: “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos”.

12 In: “Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal, considerações sobre este documento”

13 Cabe destacar a visão distorcida com que Antero de Quental enxerga o cotidiano do trabalhador braçal oitocentista. O exemplo se torna lapidar por desvelar o quanto a visão de Antero é parcial, uma vez que mesmo acreditando nas condições difíceis vividas pelo trabalhador em seu local de trabalho, ainda assim é capaz de idealizar o lar como refúgio abençoado, esquecendo-se que a alfabetização e o “sweet home” eram, por excelência, privilégios burgueses: “De todas as artes, disse alguém, é a leitura a que menos custa e a que mais rende: e certo que não será na oficina do operário, onde o

NOTAS

ganho é pouco e o trabalho muito, que tão inusitada, quanto amigável hóspeda, pode topar com rostos descontentes, com peitos e ânimos esquivos. Na casa não deve haver quem do coração a não sirva e festeje; quem à lareira lhe não ceda o melhor lugar.” In: “A Ilustração e o Operário”. (SERRÃO, 1982, p. 149).

14 In: “A Ilustração e o Operário”.

15 Cito: “Mas hoje! Depois da palavra luminosa de evangelistas como Fourier, depois da palavra reveladora e definitiva de apóstolos como Proudhon, depois de tantas idéias grandes, e tantos exemplos virtuosos! é um triste sintoma da cegueira ou endurecimento em que parece fecharem-se sistematicamente muito e muitos espíritos do nosso tempo”.

In: “Guerra de Classes” (SERRÃO, 1982, p. 363)

16 In: “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos”.

17 In: “Educação das Mulheres”.

18 In: “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos”.